

A AÇÃO DIALÓGICA DE PAULO FREIRE E SUAS APLICAÇÕES NOS DIAS ATUAIS

Claudio Neves Lopes¹

RESUMO

O presente trabalho visa investigar como o conceito de dialogicidade proposto por Paulo Freire pode contribuir para amenizar os efeitos de um sistema educacional que entendemos como falho e antiquado, cujo próprio autor reconheceu em suas pesquisas esta manifestação no âmbito pedagógico a nomeando como “educação bancária”. Escolhemos estudar a partir das provocações deste excelentíssimo autor devido à sua reconhecida contribuição para o pensamento pedagógico no país e no mundo, sobretudo quando se trata do ensino em situações adversas. Pretendemos contextualizar este conceito a partir das práticas atuais de ensino, para isso será necessário primeiramente ter como base o pensamento do próprio autor, exposto em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), sobretudo o capítulo III desta obra que versa sobre a dialogicidade. A fim de contextualizar nossos estudos, conforme o afirmado, iremos também nos pautar em materiais que expressem as atuais condições do ensino no país – neste caso utilizaremos matérias de jornais e sites reconhecidamente sérios e íntegros. Além de ter Freire como base e as matérias jornalísticas como apoio, utilizaremos também o trabalho escrito por Carolina Bagnara (2014) que avalia a existência de uma relação co-existencial entre um oprimido que surge em meio ao convívio direto com seu opressor. Este recorte nos possibilitará explanar com mais eficácia as mazelas do sistema educacional atual, pontuando assim o que nos move a realizar este estudo.

Palavras-chave: pedagogia; ensino; aprendizagem; dialogicidade

ABSTRACT

*The present work aims at investigating how the concept of dialogicity proposed by Paulo Freire can contribute to soften the effects of an educational system that we understand as flawed and old fashioned, whose own author recognized in his researches this manifestation in the pedagogical scope naming as "banking education". We chose to study from the provocations of this excellent author due to his acknowledged contribution to pedagogical thinking in the country and in the world, especially when it comes to teaching in adverse situations. We intend to contextualize this concept from current teaching practices, for this it will be necessary to have as a base the thinking of the author himself, set out in his book *Pedagogy of the Oppressed* (1987), especially chapter III of this book dealing with dialogicity. In order to contextualize our studies, as stated, we will also be guided by materials that express the current teaching conditions in the country - in this case we will use articles from newspapers and sites that are admittedly serious and up-to-date. In addition to having Freire as the basis and journalistic material as support, we will also use the work written by Carolina Bagnara (2014) that evaluates the existence of a coexistential relationship between an oppressed person who comes through direct contact with his oppressor. This clipping will allow us to more effectively explain the problems of the current educational system, thus punctuating what moves us to carry out this study.*

Keywords: pedagogy; teaching; learning; dialogicity

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade de Santos e Pós-graduado em Filosofia e Sociologia pela Faculdade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

A dialogicidade para Paulo Freire é a “essência da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1987), por esse motivo o presente trabalho se pauta no conceito de diálogo proposto pelo autor para estudar sobre suas contribuições para as práticas ainda permanentes no ensino atual, nomeadas pelo autor como “educação bancária”. Tomaremos como referência a obra do próprio autor, sobretudo no que diz respeito ao conceito de dialogicidade encontrado fundamentalmente no capítulo III do livro *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987). Como apoio para o atual estudo utilizaremos também o artigo escrito por Carolina Bagnara (2014) que discute a relação entre opressor e oprimido com base no autor e em Augusto Boal.

Tendo em vista a temática proposta, a questão problema que se coloca é: Qual é a função da dialogicidade de Paulo Freire frente ao contexto pedagógico atual? A partir desta questão central vamos refletir também sobre quais seriam os benefícios desta prática e se é possível realmente aplicá-la nos dias de hoje.

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo refletir e mensurar a possibilidade de se aplicar o método de Freire – no tocante à dialogicidade – frente as dificuldades encontradas pelos professores em seu dia a dia. Além disto, traremos para a pauta também um conceito muito trabalhado por Freire que é a ideia de opressor e oprimido, para exemplificar as bases das dificuldades mencionadas acima.

A princípio nossa base será pautada nas obras: “*Pedagogia do Oprimido*” (1987) de Paulo Freire, “*Augusto Boal e Paulo Freire, Teatro e educação como vias políticas de libertação*” de Carolina Bagnara (2014).

DIALOGICIDADE – TRANSFORMANDO PARA LIBERTAR

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, a dialogicidade para Paulo Freire é “a essência da educação como prática da liberdade” e isto para o autor é tão claro e tão caro que ele o afirma logo no início do trabalho, escolhendo estas palavras como subtítulo de seus escritos sobre a dialogicidade (FREIRE, 1977). Neste caso podemos nos perguntar: a que tipo de liberdade o autor se refere? Liberdade para quem? Liberdade para quê? Liberdade por quê? Ao partirmos deste ponto para abordar

o conceito de dialogicidade, procuramos nos aproximar o máximo possível do que entendemos como sendo o cerne da referida obra do autor.

Quando o autor menciona a liberdade neste trabalho ele a contrapõe em relação a um sistema no qual as funções de opressor e oprimido estão dadas e se manifestam pedagogicamente em dois formatos distintos ou, mais pontualmente, em duas práticas diferentes. O autor nomeia estes dois elementos distintos como “educação bancária” e “educação libertária”. Do ponto de vista pedagógico a liberdade então se refere ao não aprisionamento da prática pedagógica a ações que não dialoguem com o seu público - o dito *ensino bancário* - ou seja, estamos nos referindo a uma prática pedagógica libertária, uma prática que por si só, ou a partir de si mesma, possa conduzir o aprendiz à conquista de sua autonomia, promovendo assim a humanização do homem, conforme nos ensina o próprio autor. Esta humanização, segundo Freire, se dá ao passo em que o aprendiz consegue se aperceber de seus modos de aprendizado, assim como o professor se apercebe de seus modos de ensinamento.

Portanto a relação ensino-aprendizagem precisa ser vivenciada de forma profunda e efetiva por ambos, a fim de que todos os envolvidos neste processo possam se dar conta das inúmeras transformações que o mesmo produz dentro de cada um. Somente desta maneira viva e pulsante é que se pode haver uma real transformação de todos os envolvidos e a esta transformação chamamos de dialogicidade, pois este movimento de troca pulsante é o que garante o diálogo entre as partes. Mas disto surge uma questão premente: o que é dialogar para Freire? Segundo o autor, “quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra.” (FREIRE, 1977, p.91).

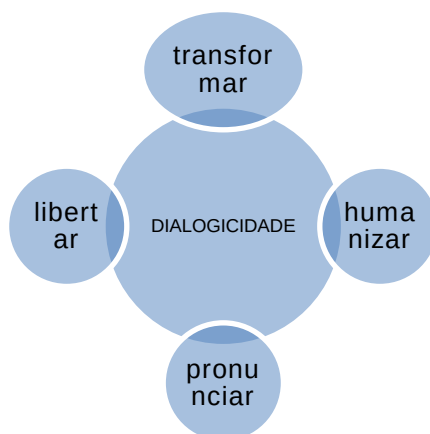
Ora se o diálogo é palavra, logo podemos aferir que qualquer conversa se configura como diálogo, correto? Não! Ao menos não para o autor, pois ele enumera duas dimensões com as quais a palavra se configura em forma de diálogo que são a ação e a reflexão, sendo que uma interage com a outra gerando assim o que chamaremos de diálogo. Neste quesito o autor destaca que “não há palavra verdadeira que não seja prática. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 1977, p.91). Deste modo adentramos também na ideia de transformação, mas que tipo de transformação? Transformar o que e para quê? Pois bem, falamos anteriormente sobre a humanização do homem, que se relaciona a este processo de transformação que por

sua vez se insere na ideia de dialogicidade, ao passo que a humanidade se dá na transformação do mundo, que traz em si os fundamentos do diálogo. Entendamos melhor esta ligação em Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (FREIRE, 1977, p.92 – grifos do autor)

Vimos que além dos conceitos já mencionados, o autor traz ainda uma ideia de pronúncia do mundo, que por sua vez trata-se do mundo mediado pela dialogicidade, que pode ser entendido também como o mundo transformado através do diálogo. Pois “se é dizendo a palavra com que, ‘*pronunciando*’ o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.” (FREIRE, 1977, p93)

Assim, podemos ilustrar um primeiro bloco possível de ideias importantes inerentes ao pensamento freiriano da seguinte forma:



Estes são os pilares a partir dos quais Freire irá discorrer sobre a dialogicidade pontuando o que, para ele, é fundamental que se saiba e se aplique no cotidiano do ensino aprendizagem. Para que estes pilares se manifestem, o autor elenca algumas características importantes como amor, humildade, fé nos homens e pensamento crítico:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo **amor*** ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda (...) Não há por outro lado, diálogo, se não há **humildade***. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. (...) Não há também, diálogo, se não há uma intensa **fé nos homens***. Fé na sua vocação de Ser Mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. (...) Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. **Pensar crítico***. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens,

reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. (FREIRE, 1977, p.93-97 – *grifos do autor*) * **grifo nosso**.

OPRESSORES E OPRIMIDOS: ELEMENTOS A SEREM TRANSFORMADOS

Neste tópico incluiremos as questões apontadas referentes ao sucateamento do ensino e sua influência nas práticas pedagógicas como elemento opressor. Para tanto mencionaremos algumas matérias encontradas em *sites* sobre a situação atual de algumas escolas, a título de exemplo, e discorreremos brevemente elencando os principais problemas encontrados e os atrelando à ideia central do que se deve transformar no sistema de ensino do ponto de vista das práticas pedagógicas.

Para que possamos abordar a transformação nos modos de ensinar e aprender e, somente assim, podermos pronunciar o mundo de forma a que ele se manifeste de maneira justa para todos, é necessário definir de que ponto devemos dar início a esta transformação. O que o autor deixa claro em toda a sua obra é que esta transformação tem início na própria prática pedagógica, do que não discordamos, mas é válido que possamos elencar os problemas a serem considerados neste caminho. Como muitas poderiam ser as questões apontadas, optamos por mencionar apenas os problemas de ordem estrutural, pois tais elementos nos são palpáveis e podem ser encontrados em qualquer região do Brasil. A seguir temos alguns exemplos:

- a) Defasagem no ensino

Infraestrutura - a situação das escolas brasileiras

Investimentos não têm se atentado a diminuir a desvantagem de oportunidades dos alunos que chegam mais defasados à escola

www.gestaoescolarabril.com.br. Acesso em: 14 de out. 2015

b) Falta de espaço nas escolas

REDE ESTADUAL

Moradores da Comunidade Boca da Mata denunciam más condições em escola

 Gostei (0)  Não gostei (0)

Unidade de ensino possui dois prédios para atender 196 alunos das comunidades Boca da Mata, Sol Nascente, Sabiá, Entroncamento, Arai, Nova Esperança e da sede de Pacaraima

Por Paola Carvalho
Em 20/07/2015 às 16:42

<http://www.folhabv.com.br>. Acesso em: 14 de out. 2015.

c) Transporte precário

09/07/2015 20h17 - Atualizado em 09/07/2015 20h51

Com ônibus em más condições, alunos se negam a embarcar em MG

Estudantes protestaram em frente à Prefeitura de Conceição do Pará. Bancos são precários e faltam cintos; Prefeitura elogia qualidade.

<http://www.globo.com>. Acesso em: 14 de out. 2015

d) Exigências ilegítimas

Criança de 10 anos é impedida de entrar na escola pública por não ter farda

 Imprimir  Curtir  Compartilhar  G+  Tweetar

Uma criança de 10 anos de idade foi impedida de frequentar aulas por não ter adquirido o fardamento escolar. De acordo com familiares da garota, o caso ocorreu na Unidade Escolar Dr. Agnelo Pereira da Silva, localizada no Grande Dirceu, Zona Sudeste de Teresina. A medida teria partido da diretora da escola, que não teve a identidade revelada.

<http://www.cidadeverde.com>. Acesso em: 14 de out. 2015

e) Má organização

Qua, 07 de Outubro 2015 - 18:04

Apeoesp faz protesto contra fechamento de escola estadual

Por: Diário de Suzano - 07/10

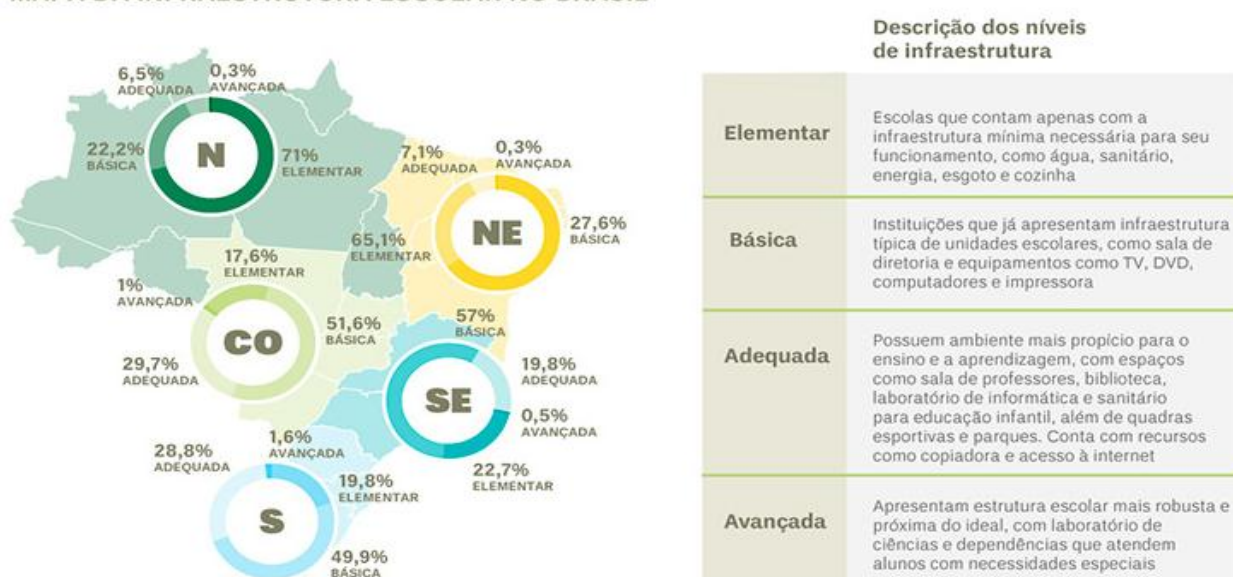
O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) realizou, na manhã de ontem, um novo protesto em Suzano. Desta vez o ato foi contra o fechamento da Escola Estadual Carlos Molteni. A notícia repercutiu nas mídias sociais e a manifestação contou com a participação de quase 300 pessoas, entre

<http://www.apoesp.org>. Acesso em: 14 de out. 2015

Pois bem, são inúmeros os exemplos de como a infraestrutura do ensino no Brasil está deficitária e não auxilia o trabalho do professor em sala, mas para ter uma noção mais exata dos exemplos acima, podemos acessar um mapa da infraestrutura escolar no Brasil idealizado por pesquisadores da UnB e da UFSC:

f) Mapa da infraestrutura escolar no Brasil

MAPA DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR NO BRASIL



<http://www.educacao.uol.com.br>. Acesso em: 14 de out. 2015

Como podemos observar no mapa acima, os pesquisadores Joaquim José Soares Neto, Girlene Ribeiro de Jesus e Camila AkemiKarino, da UnB (Universidade de

Brasília) e Dalton Francisco de Andrade, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), tem fundamentos para afirmar que:

Apenas 0,6% das escolas brasileiras têm infraestrutura próxima da ideal para o ensino, isto é, têm biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, laboratório de ciências e dependências adequadas para atender a estudantes com necessidades básicas. O nível infraestrutura avançada inclui os itens considerados mínimos pelo CAQi (Custo Aluno Qualidade Inicial), índice elaborado pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação. (EDUCAÇÃO UOL. **Infraestrutura das escolas brasileiras**. Acesso em: 13 de out. 2015.)

Poderíamos ficar aqui por horas e horas vendo mil e um exemplos e analisando diversas tabelas, no entanto carece saber a que tipo de educação esta estrutura serve, pois sim, ela serve a uma determinada educação que é pensada para ser desta forma.

As elites dominadoras, na sua atuação política, são eficientes no uso da educação bancária (em que a conquista é um dos instrumentos) porque, na medida em que esta desenvolve uma ação apassivadora, coincide com o estado de “imersão” da consciência oprimida, estas elites vão transformando-a naquela “vasilha” de que falamos e pondo nela *slogans* que a fazem mais temerosa ainda da liberdade. Um trabalho verdadeiramente libertador é incompatível com esta prática.” (FREIRE, 1977, p.100)

Refletir sobre estes problemas tendo consciência disto faz toda a diferença. Neste ponto trazemos Boal para este círculo, pois tanto ele como Freire se habituaram a trabalhar junto aos oprimidos frente a um sistema que os oprimia para auxiliá-los no processo de emancipação.

Não vamos nos esquecer de que em todas as sociedades existem oprimidos e opressores em todos os níveis da vida social. Os que oprimem impõem aos oprimidos sua visão do mundo e de cada coisa desse mundo, para que sejam obedecidos e reine a sua paz. Para se libertarem, os oprimidos devem descobrir sua própria visão da sociedade, suas necessidades, e contrapô-las à verdade dominante, opressiva. (BOAL, 2009, p.106)

Esta reflexão sobre o sucateamento do sistema de ensino é de suma importância para que possamos identificar quais práticas pedagógicas são legitimadas pela valorização da vida e pela humanização do homem e quais não são. Os exemplos mencionados acima demonstram claramente o quanto o sucateamento do sistema de ensino impede que a dignidade humana se manifeste em todo o seu resplendor, impedindo assim que o processo de ensino aprendizagem se dê também em plenitude. Segundo Boal nos aponta acima, entendemos também que esta desestruturação serve a um sistema opressor que se coloca em forma de obstáculos para o educando que se vê oprimido em sua essência e vê sua prática de estudo repleta de barreiras a serem

vencidas. O papel do professor neste contexto acaba sendo também o de incentivador frente aos desafios que a vida impõe aqueles cuja classe social relega o acesso ao ensino de qualidade. No processo de ensino aprendizagem, o professor muitas vezes é aquele que propõe ao educando novas visões de mundo, o que está muito além de compartilhar apenas um conteúdo técnico desta ou daquela disciplina.

O primeiro impulso da educação libertadora, humanizadora, é o impulso de superação da contradição educador-educando. Os dois polos devem ser conciliados para que sejam ambos, educadores e educandos, ao mesmo tempo. A intenção da educação bancária é completamente oposta. Em vez de transformar a realidade, quebrando as contradições, deseja transformar a mentalidade dos oprimidos para que aceitem melhor a situação de opressão. (FERNANDES, 2014, p.41)

E é neste movimento de troca (diálogo) que o educando começa a compreender sua função social e passa então a vislumbrar novas possibilidades de vida e dá os primeiros passos em direção à sua liberdade em relação ao mencionado sistema opressor-oprimido encontrado em abundância na educação bancária.

O DIÁLOGO COMO FRUTO DA LIBERDADE

No tópico 1, falamos sobre a dialogicidade enquanto transformação para libertar; já no tópico 2, falamos sobre o que transformar para atingir esta liberdade. Neste tópico falaremos sobre o ato de estar livre como fruto deste processo - deste diálogo e no que implica esta liberdade.

Uma vez liberto, o oprimido se apercebe de sua existência como tal e procura meios de manifestar seu posicionamento diante da sociedade. Desta maneira ele passa a se colocar como criador ou gerador de sua própria realidade, passa então a pronunciar o mundo, tal como Freire propõe.

Os oprimidos de ontem, estarão gerando, com seu ato, liberdade na medida em que, com ele, evitam a volta do regime opressor. Um ato que proíbe a restauração deste regime que não pode ser comparado com aquele através do qual alguns homens negam às maiorias o direito de ser. (FREIRE, 1977, p.47)

Desta forma se completa então seu percurso no ensino aprendizagem, não a fim de concluir-se, mas sim de perceber-se inconcluso, ou incompleto a ponto de desejar ser mais e buscar sê-lo. Assim o homem se humaniza e se torna parte de um todo que pretende igualmente humanizar-se. Isto gera um estado de diálogo permanente naquele

que se libertou, propiciando assim um espaço permanente de troca entre as partes e o crescimento mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este trabalho procuramos refletir o mais profundamente que nos coube neste nosso momento de formação acerca das questões apontadas. Não chegamos a uma conclusão definitiva que respondesse de fato aos nossos questionamentos, mas pudemos ter acesso a alguns apontamentos que nos auxiliaram a empreender forças rumo a novos modos de ver a educação.

Pudemos ao longo deste estudo nos auto avaliar em nossas práticas cotidianas de ensino, observando o que de nós está presente nestes escritos e vice versa. Defrontamos nossos opressores e oprimidos internos e buscamos neles as respostas possíveis para nossas indagações. O pensamento de Freire é de uma riqueza profunda e nos revelou um universo todo a ser desvendado. Poucas foram as palavras empregadas nessa empreitada, mas muitas foram as formas de pronunciá-las dentro de nós. Saímos deste estudo mudados, transformados, humanizados, tal como quis o pedagogo promover ao longo de sua vida e obra.

A pergunta inicial e que agora se retoma reformulada é: Sabemos aplicar o método freiriano da dialogicidade ao universo do ensino atual? Espera-se que saibamos a resposta, no entanto, não é tão simples assim. Não o sabemos de fato, mas o que sabemos é que temos várias portas de entrada neste universo educacional e pedagógico e por ter várias entradas, podemos escolher a que melhor nos convém, de acordo com cada realidade, de acordo com cada turma e com cada ser humano que cruzarmos pelo caminho a fim de se desenvolver conosco para a construção de um mundo melhor para todos e todas. Isto Freire nos ensinou muito bem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APEOESP. **Manifestações contra o fechamento de escolas.** Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/manifestacoes-contr-a-bagunca-da-s-e/apoes/pfaz-protesto-contr-a-fechamento-de-escola-estadual/> . Acesso em: 14 de out. 2015.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido.** Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

CIDADE VERDE. **Falta de farda.** Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/191620/crianca-de-10-anos-e-impedida-de-entrar-na-escola-publica-por-nao-ter-farda>. Acesso em: 14 de out. 2015.

EDUCAÇÃO UOL. **Infraestrutura das escolas brasileiras.** Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/06/04/menos-de-1-das-escolas-brasileiras-tem-infraestrutura-ideal.htm>. Acesso em: 13 de out. 2015.

FERNANDES, Carolina Bagnara. **Augusto Boal e Paulo Freire, Teatro e Educação como vias políticas de libertação.** Guarulhos, Unifesp, 2014.

FOLHA. **Denúncia da boca da mata.** Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/Moradores-da-Comunidade-Boca-da-Mata-denunciam-mas-condicoes-em-escola/8484>. Acesso em: 14 de out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GESTÃO ESCOLAR - ABRIL. **Infraestrutura.** Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/espaco/infraestrutura-situacao-escolas-brasileiras-681883.shtml>. Acesso em: 14 de out. 2015.

GLOBO.COM. **Onibus em mas condições.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2015/07/com-onibus-em-mas-condicoes-alunos-se-negam-embarcar-em-mg.html>. Acesso em: 14 de out. 2015.

<http://www.gestaoescolarabril.com.br>. Acesso em: 14 de out. 2015

<http://www.folhabv.com.br>. Acesso em: 14 de out. 2015.

<http://www.globo.com>. Acesso em: 14 de out. 2015

<http://www.cidadeverde.com>. Acesso em: 14 de out. 2015

<http://www.educacao.uol.com.br> . Acesso em: 14 de out. 2015